



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB

CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC

CURSO DE PEDAGOGIA

**LUZ, CÂMERA, EDUCAÇÃO: RELEXÃO SOBRE O CINEMA
INFANTIL COM ESTUDANTES DA ESCOLA EDUCANDÁRIO LUZ DO
SABER, QUEIMADAS-PB**

SUZIANE ALBUQUERQUE DAMIÃO

CAMPINA GRANDE - PB

2011

SUZIANE ALBUQUERQUE DAMIÃO

**LUZ, CÂMERA, EDUCAÇÃO: RELEXÃO SOBRE O CINEMA
INFANTIL COM ESTUDANTES DA ESCOLA EDUCANDÁRIO LUZ DO
SABER, QUEIMADAS-PB**

Trabalho Acadêmico Orientado apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Pedagoga.

Orientadora: Prof^a Dr^a Rosemary Alves de Melo

CAMPINA GRANDE – PARAÍBA

2011

D1581

Damião, Suziane Albuquerque.

Luz, Câmera, Educação [manuscrito]: reflexão sobre o cinema infantil com estudantes da escola educandário luz do saber, Queimadas-Pb./ Suziane Albuquerque Damião. – 2011. 57f. : il. color

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Profa. Dra. Rosemary Alves de Melo, Departamento de Educação”.

1. Educação. 2. Cinema infantil. 3. Infância. I. Título.

21. CDD 370

**LUZ, CÂMERA, EDUCAÇÃO: REFLEXÃO SOBRE O CINEMA
INFANTIL NA ESCOLA EDUCANDÁRIO LUZ DO SABER**

SUZIANE ALBUQUERQUE DAMIÃO

Aprovada em 02 / 12 / 11 NOTA: _____

COMISSÃO EXAMINADORA

Rosemary Alves de Melo

Profª. Ms. Rosemary Alves de Melo
Orientadora – UEPB

Maria de Lourdes Cirne Diniz

Profª Maria de Lourdes Cirne Diniz
Examinadora – UEPB

Marta Lúcia de Souza Celino

Profª Marta Lúcia de Souza Celino
Examinadora – UEPB

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico este trabalho a Deus por ter me presenteado com minha vida, minha família, meus amigos e a sabedoria para me reinventar a cada empecilho que sabiamente Ele colocou em meu caminho. Pois foi cada limitação pessoal, cada barreira, cada dificuldade e todos os NÃOS que me fizeram ser o que sou hoje, e por isso sou imensamente grata a TI.

Ao meu pai Severino Damião e minha mãe Maria das Neves pelo exemplo de pessoas honestas, dignas e trabalhadoras. Obrigada pelo amor incondicional e por nunca me deixarem faltar na escola (nem na universidade) hoje estamos vendo o resultado de tanta dedicação.

Aos meus “irmonstros” Sérgio e Simone e minha sobrinha Rebeca por estarem sempre na primeira fileira da platéia da minha vida me aplaudindo de pé. É muito bom dividir minha história com vocês.

A minha tia e madrinha Maria do Socorro por ser um exemplo de generosidade, humanidade, dedicação à família, fé, amor ao próximo e a Deus. Quando eu crescer quero ser igual a você!

A família que escolhi, meus amigos queridos.

As mestras do curso de pedagogia, por terem tanto me ajudado a construir conhecimentos durante esses anos.

A professora Rosemary por ter acreditado em mim, mesmo aos 48 minutos do segundo tempo.

MUITO OBRIGADA!

Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível

Charles Spencer Chaplin (1889 – 1977)

RESUMO

Diante dos avanços tecnológicos da sociedade contemporânea, faz-se necessário refletir sobre a possibilidade de inserção do cinema nas práticas curriculares como objeto de conhecimento nas instituições de ensino; buscando compreender como se dá a participação dos alunos no processo de construção do conhecimento após o contato com a cultura cinematográfica; quais as formas de contato que os alunos tem com os filmes infantis; e como se pode melhorar o uso do cinema nas escolas. Para isso, foi proporcionado aos alunos do 2º, 3º, 4º e 5º ano da Escola Educandário Luz do Saber, localizada na cidade de Queimadas/PB o contato com o filme “Os Smurfs” (2011) no cinema do shopping de Campina Grande/PB. Esse trabalho foi construído através de pesquisas bibliográficas de autores como: Bernardet (1985), Brasil (2001, 2002), Duarte (2002, 2004), Fantin (2006, 2007), Favaretto (2004), Freire (1996), Fresquet (2005), Lemme (1997), Louzada (1999), Pádua (2009), Pascucci (2009), Pires (2011), Postmam (1999), Rocha (2005), Setton (2004), Sousa (2005), Trinta, e Vigotsky (2003); descrição do que foi observado durante a exibição do filme na sala de projeção, como também nas conversas e atividades realizadas com os alunos após assistirem ao filme, portanto apresenta características qualitativas. Os resultados revelam que os alunos participam mais das atividades, dialogam e refletem criticamente sobre as questões abordadas durante o filme, assimilando novas informações, que fazem com que eles reflitam sobre o mundo a qual fazem parte, para depois acomodarem e se adaptarem a esse novo conhecimento. Todavia, na medida em que eles são transformados eles também transformam o meio, mostrando que o cinema também é um remodelador cultural. Apesar de estarem inseridos em famílias com baixa renda, os alunos tem contato com os filmes infantis através do consumo de DVDs pirateados que são vendidos facilmente pela cidade e através da televisão, demonstrando que a cultura cinematográfica independente de onde aconteça faz parte do mundo infantil. Por fim, conclui-se que as instituições de ensino devem priorizar uma educação que valorize também o cinema, em todos os seus aspectos, pois podemos através do mesmo melhorar a educação e ajudando a formar cidadãos mais participativos e reflexivos do meio que fazem parte.

Palavras-chave: Cinema, Educação, Infância

ABSTRACT

Given the technological advances of contemporary society, it is necessary to consider the possibility of inclusion in the curriculum practices of cinema as an object of knowledge in educational institutions seeking to comprehend how the students' participation in the process of knowledge construction after contact with the film culture, which forms of contact that students have with the children's films, and how it can improve the use of film in schools. For that was provided for pupils in the 2nd, 3rd, 4th and 5th years of the School Educandário Luz do Saber, located in the city of Queimadas/PB contact with the film "The Smurfs" (2011) film shopping Campina Grande/PB. This work was constructed through literature searches of authors such as: Bernardet (1985), Brazil (2001, 2002), Duarte (2002, 2004), Fantin (2006, 2007), Favaretto (2004), Freire (1996), Fresquet (2005), Lemme (1997), Louzada (1999), Padua (2009), Pascucci (2009), Pires (2011), Postmam (1999), Rocha (2005), Setton (2004), Sousa (2005), Trinta (_____), and Vygotsky (2003), describing what was observed during the screening of the film in the projection room, as well as in conversations and activities with students after watching the film thus presents qualitative characteristics. The results show that students participate more in activities, dialogue and reflect critically on the issues discussed during the film, assimilating new information, which makes them reflect on the world to which they belong, and then accommodate and adapt to this new knowledge. However, insofar as they are transformed they also transform the medium, showing that the film is also a cultural remodeling. Despite being placed in low-income families, students have contact with children's films through the consumption of pirated DVDs that are sold around the city and on television, demonstrating that the culture of independent film happen which is part of the child's world. Finally, it is concluded that educational institutions should prioritize an education that values the movies also, in all its aspects, for through it we can improve education and helping to educate citizens more participatory and reflective part of the medium.

Keywords: Cinema, Education, Children

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A CULTURA CINEMATOGRAFICA NO CONTEXTO ESCOLAR ATUAL	12
2.1 O início tortuoso da parceria entre cinema e educação	13
2.2 O Cinema e as Práticas Educativas Atuais: o real distante do ideal	16
3. CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA E O CINEMA COMO PROTAGONISTA DO MUNDO INFANTIL	20
3.1 O Cinema e a relação entre infância e imaginação	23
3.2 Cinema: fantasia ou realidade?	26
3.3 Identificação: relação entre espectador, imaginação e cinema	28
4. TRILHANDO OS PASSOS DA METODOLOGIA	31
4.1 Tipos de Pesquisa	32
4.2 Instrumentos da Pesquisa	32
4.3 Breve Histórico da Instituição Educacional Educandário Luz do Saber	32
4.4 A vivência da cultura cinematográfica pelos alunos da Escola Educandário Luz do Saber	33
4.5 A globalização do cinema infantil e seu apelo mercadológico	41
4.6 O cinema e o processo de construção do conhecimento infantil	43
4.7 Educação e cinema: uma análise entre prática educativa e cultura cinematográfica	48
5. ANÁLISE DOS RESULTADOS	50
6. CONCLUSÃO	52
7. REFERÊNCIAS	54
8. ANEXOS	57

LISTA DE FIGURAS

FIGURA I: Educandário Luz do Saber, Queimadas/PB _____	33
FIGURA II: Os alunos e professoras dentro da van indo ao cinema _____	34
FIGURA III: Chegada dos alunos ao shopping _____	35
FIGURA IV: Os alunos chegando ao cinema Cinesercla _____	36
FIGURA V: Os alunos indo em direção à sala de projeção _____	36
FIGURA VI: Alunos e professoras dentro da sala de projeção _____	37
FIGURA VII: Alunos assistindo aos trailers _____	38
FIGURA VIII: Cartaz do filme “Os Smurfs” (2011) _____	38
FIGURA IX: Aluna do 2º ano com mostras de alguns DVDs do seu acervo pessoal _____	42
FIGURA X: Ilustração feita pelo aluno do 2º ano _____	45
FIGURA XI: Atividade realizada pelo aluno do 3º ano _____	46
FIGURA XII: Atividade feita pela aluna do 5º ano _____	47

1. INTRODUÇÃO

Desde tempos remotos os adultos contavam suas histórias, para ensinar conhecimentos de vida, saberes e valores que foram sendo passados de geração para geração. Dessa forma, foi descoberto uma ótima maneira de transmitir conhecimentos e deixar vivo as mais diferentes culturas. “Foi assim com as tragédias gregas, as parábolas bíblicas, os contos de fadas, as fábulas e as pantominas medievais” (DUARTE, 2002, p.63)

Com o passar dos tempo, as formas de contar história e transmitir conhecimentos foram sendo modificadas, e o cinema faz parte integrante dessa transformação cultural.

Foram sendo escritos livros, pintados retratos em tela, tiradas inúmeras fotografias, e registrado em imagens com movimento, muitas histórias que fizeram e fazem parte do imaginário das pessoas. Os filmes tornaram-se uma das inúmeras formas de contar histórias, porém todo o encantamento que produz nas pessoas, é que o faz ser diferente e singular, pois só quem já vivenciou estar numa sala de projeção que sabe todas as emoções que são sentidas.

Não se pode negar o caráter educativos que os filmes possuem, e a escola por estar inserida nessa sociedade submersa no mundo tecnológico não pode ficar à margem desse contexto e deve compreender como se dá o processo de construção do conhecimento das crianças, após o contato com os filmes. Pois essa pesquisa parte da prerrogativa de que nos dias atuais a grande parte das crianças tem contato com a cultura cinematográfica, mesmo que não freqüentem as telonas, estas assistem aos filmes infantis pelas telinhas (por meio da televisão ou DVD) e que esse contato influencia no modo como ela compreende a si e o mundo.

Considerar o cinema como um meio significa que a atividade de contar histórias com imagens, sons e movimentos pode atuar no âmbito da consciência do sujeito e no âmbito sócio-político-cultural, configurando-se num formidável instrumento de intervenção, de pesquisa, de comunicação, de educação, de fruição. No entanto, considerar o cinema como um meio não significa reduzir seu potencial de objeto sociocultural a uma ferramenta didático-pedagógica destituída de significação social. A experiência estética possui um importante papel na construção de significados que a obra propicia e os diferentes modos de assistir aos filmes fazem com que estes atuem diferentemente conforme o contexto. (FANTIN, 2007, p.1)

Diante disto, é primordial que sejam analisadas alternativas que visem otimizar o uso do cinema nas instituições de ensino, para que não seja limitado o seu potencial educativo, cultural e transformador social.

[...] Tratando-se de cinema ... pergunta-se se o que estaria em questão na escola não seria a constituição de verdadeiros laboratórios experimentais da sensibilidade e do pensamento visual. Assim, o cinema seria, muito mais do que uma simples mediação pedagógica, um dispositivo de problematização da cultura. (FAVARETTO prefácio DUARTE, p.13)

Não há dúvidas que estamos vendo ser formada uma geração de pequenos grandes cinéfilos, então é fundamental enquanto profissionais da educação, estudar, pesquisar, analisar e refletir sobre a educação atual, para que dessa forma possamos formar cidadão críticos, reflexivos, atuantes e cientes da sua importância para a vida em sociedade.

Nesse sentido, a pesquisa realizada se apresenta como uma contribuição para se pensar a possibilidade de inserção de práticas curriculares que contemplem o cinema como objeto de conhecimento. Com efeito, essa pesquisa busca refletir e descrever sobre uma vivência com crianças do Ensino Fundamental da Escola Educandário Luz do Saber com o cinema infantil através da observação e descrição, com características qualitativas.

Inicialmente será relatado o contexto histórico em que ocorreu as primeiras relações entre cinema e educação no Brasil e como atualmente as práticas educativas abordam o cinema nas instituições de ensino. Em seguida, destacaremos como a concepção de infância foi sendo transformada ao longo do tempo e como o cinema e a infância se relacionam, para posteriormente delinear a observação feita tanto durante a experiência da cultura cinematográfica, quanto nas atividades realizadas nos dias subsequentes, seguido da análise dos resultados.

Por fim, uma breve conclusão onde será apontado minhas impressões a respeito do que foi pesquisado, observado e vivenciado. Apontando alternativas que visem valorizar e melhorar o uso do cinema como instância pedagógica, arte, entretenimento e produto cultural dentro da escola.

2. A CULTURA CINEMATOGRAFICA NO CONTEXTO ESCOLAR ATUAL

O atual cenário social a qual vivemos nos revela a grande expansão dos meios de comunicações sociais. O audiovisual originou consigo novas maneiras de ensinar, refletir, agir, perceber, aprender, apreender e compreender o mundo plural a qual fazemos partes.

Todavia, é inegável que o computador e a internet tem ganhado grande destaque e importância no cotidiano das pessoas, contudo o cinema não fica por fora dessa notoriedade e vem se tornando não apenas uma forma de entretenimento e diversão, mas vem se firmando como um meio de expressão que interfere significativamente na maneira como os seres humanos enxergam o meio social e a si mesmos.

O cinema é um meio de expressão que interfere na maneira como o homem se vê, na forma como este concebe a si mesmo e a realidade que o cerca. Não apenas pelo deslumbre inicial frente à imagem em movimento do cinema, fato que marca a busca pela invenção, mas pelo modo tal qual este veículo de comunicação veio a remodelar as próprias relações sociais. (SOUSA, 2007, p.19)

A interferência desse “mundo” tecnológico acompanha as crianças desde a sua mais tenra idade, e a escola, por estar inserida nesta sociedade marcada pela utilização desses meios de comunicação, também sofre influência. Por isso, não pode e nem deve estar à margem desse contexto.

Sendo assim, fica evidente que nos dias atuais já não basta às instituições de ensino apenas preparar os alunos para os níveis mais elevados de escolaridade, uma vez que os mesmos precisam é aprender a compreender a vida e a si mesmos.

Os filmes ao longo do tempo foram se constituindo como um meio de comunicação social de fácil acesso, pois mesmo que não se freqüentem às salas de projeções, as crianças assistem com muita freqüência filmes, tanto pela televisão quanto por DVDs.

Essa nova geração de pequenos cinéfilos* é extremamente enriquecedora para a educação, pois contribui para a construção do conhecimento, e também ajuda na formação de sujeitos críticos, reflexivos e atuantes da realidade a qual fazem parte, já que o cinema é um agente educativo que trata de uma produção cultural significativa, como mostra Sousa (2007, p.19)

* No mundo do cinema, cinéfilos são aquelas pessoas que desenvolvem uma relação muito intensa com filmes: vêm de tudo, vão ao cinema regularmente, vêm filmes em vídeo e na tevê, e podem passar horas e horas discutindo o assunto com os amigos. (DUARTE, 2002, p.10)

Todas essas mudanças sociais, tecnológicas e educacionais afetam o modo como as crianças de hoje constroem o conhecimento, diante da facilidade no contato com as informações. Portanto, nós educadores/as temos o dever de aprofundar nossos conhecimentos sobre o cinema na educação, pois é de extrema importância compreender como este influencia a vida das crianças e conseqüentemente dentro de nossas salas de aula.

2.1. O início tortuoso da parceria entre cinema e educação no Brasil

Ao contrário do que se pensa, o contato entre cinema e educação não é algo tão recente, já que aqui no nosso país se deu na passagem do século XIX para o século XX, pois as primeiras filmagens já podiam ser consideradas educativas, tendo em vista, que neste primeiro momento o cinema apresentava um caráter documental. Como nos revela Duarte:

Nos anos 1910, Luis Thomas Reis, trabalhando como cinegrafista oficial da Comissão Rondo, produz uma vasta documentação em cinema da cultura indígena brasileira, enquanto Roquete Pinto, trabalhando nessa mesma comissão, filma, pela primeira vez, os índios Nhambiquara [...] e abrem as portas para sua inscrição como instrumento de pesquisa acadêmica. (DUARTE, 2002, p. 24-25)

Devemos salientar que esse contato se deu em um período em que castigos, palmatória, humilhação e desrespeito eram algumas das características enraizadas na educação brasileira herdada pelos moldes da pedagogia jesuítica.

Portanto “desde a colonização estabeleceu-se uma educação disciplinar, rigorosa, conservadora e enfadonha, com propósito de tentar domesticar a mente das pessoas” de acordo com Rocha (2005, p. 2 – 3).

As crianças que viveram neste momento histórico, eram consideradas como tábulas rasas, que deveriam desde a mais tenra idade sendo “domesticada” para atender as expectativas dos adultos da época. As informações eram transmitidos como se as crianças fossem um depósito de conhecimento, o que Paulo Freire (1996) chama de “educação bancária”

Foi em clima de pós Primeira Guerra Mundial que o cinema e a educação se encontraram. Nesse momento histórico visava-se proliferar uma cultura patriota e

nacionalista à toda sociedade independente do nível social que as pessoas estivessem inseridas. Pires afirma que:

[...]segundo os parâmetros do filme documentário clássico o cinema educativo surge, no Brasil, em um momento de afirmação da identidade nacional, de evocação dos grandes nomes que construíram monumentos pátrios, em uma promoção nacionalista da cultura. (2011, p. 5)

Naquela época não era todas as pessoas que possuíam uma televisão em casa, nas escolas, nos comércios, e etc. e o cinema foi considerado uma maneira eficiente de reproduzir essa educação voltada para o patriotismo.

Portanto, com grandes interesses em renovar as práticas escolares e de assegurar que o conhecimento chegasse a uma quantidade maior de pessoas, o movimento da Escola Nova elegeu o cinema educativo como o instrumento pedagógico essencial para tais pretensões. Sobre a Escola Nova, Lemme (1997) nos diz que:

[...] “Escola Nova” ou “Escola Ativa”, baseava-se nos progressos mais recentes da psicologia infantil, que reivindicava uma maior liberdade para a criança, o respeito às características da personalidade de cada uma, nas várias fases de seu desenvolvimento, colocando o “interesse” como o principal motor de aprendizagem. (1997, p. 167)

O conceito de educação da Escola Nova, via a criança como o indivíduo central de toda atividade escolar e não mais no professor, compreendendo-a em todas suas características e especificidades, sejam estas inatas ou sociais, “não preparando para a vida, mas sendo, a vida” de acordo com Lemme (1997, p.167)

A Escola Nova visava construir uma nova educação que compreende-se o aluno não apenas como um receptor de informações, mas sim como um sujeito pensante e transformador de sua realidade, como características particulares, que pensa, age, e constrói diferentemente do adulto.

As propostas do pensamento pedagógico desse Manifesto, estava respaldado no ideário de uma educação para todos, gratuita, plural, e obrigatória. Além de a responsabilidade de educar que antes era atribuída a família, passou a ser também do Estado. Com relação, a utilização do cinema nas instituições educacionais foi determinado que:

As escolas do ensino primário, normal, doméstico e profissional, quando funcionarem em edifícios próprios, terão salas destinadas à instalação de aparelhos de projeção fixa e animada para fins meramente educativos. O cinema será utilizado exclusivamente como instrumento de educação e como auxiliar do ensino, para que facilite a ação do mestre sem substituí-lo. O cinema será utilizado, sobretudo, para o ensino científico, geográfico, histórico e artístico. A projeção animada será aproveitada como aparelho de vulgarização e demonstração de conhecimentos, nos cursos populares noturnos e cursos de conferências. A Diretoria Geral de Instrução Pública orientará e procurará desenvolver por todas as formas, e mediante a ação direta dos inspetores escolares, o movimento em favor do Cinema Educativo (REVISTA DO CINEMA EDUCATIVO apud PIRES, 2011, p.6).

Para tanto, foi criado no governo de Getúlio Vargas, em 1937, o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), que tinha o “objetivo de incentivar a produção e a exibição de filmes que, fundados em temáticas exclusivamente nacionais, valorizassem a cultura brasileira”, (DUARTE, 2002, p. 33). Entretanto, apesar de ter havido essa preocupação de integrar o cinema às práticas educacionais, pouco foi realizado no sistema escolar.

Estava enraizado por muitos educadores o entendimento que a educação só acontecia dentro de sala de aula com o kit do professor, que se baseava em: quadro negro, cadeiras em fila indiana, tabuada, cartilha, caligrafia e em muitos casos a palmatória.

Na década de 60, surge um novo surto de interesse pelo cinema educativo, tanto por instâncias jurídicas, quanto por educadores, que respectivamente julgavam necessário proteger as crianças e jovens da má influência de alguns filmes e viam a necessidade de atualizar aquela potência educativa do cinema educativo, respondendo aos imperativos da modernização do país (SETTON, 2004, p. 10). Todavia, é importante ressaltar que todo esse “empenho” não passava de interesses políticos.

Embora a importância dada pela educação sobre o cinema estivesse intrinsecamente relacionado com a veemência de democratizar as artes e na proeminência de uma cultura popularizada, surgiram dois fatores que redirecionaram esse interesse pelo cinema educativo. Parafraseando Favaretto esses dois fatores são:

[...] a ênfase nos novos problemas colocados pelas novas tecnologias, na pesquisa, no ensino e no saber, e a necessidade de transformação do processo educativo, nos níveis institucionais e pedagógicos, como resposta aos imperativos crescentes das demandas sociais e da produção industrial. Pode-se dizer que depositaram-se no cinema, de maneira clara, muitas das expectativas de figuração dos desafios contemporâneos, sociais, culturais e inclusive, educativos” (2004, p.11)

Devido o atraso social que o Brasil se encontrava desde sua “descoberta”, o Estado brasileiro viu na educação a única forma de conseguir se desenvolver. Por isso, esperava-se que o cinema - por ser um grande meio de levar conhecimento em massa daquele momento – pudesse, de certa maneira, transformar aquela realidade social, revelando o quão era urgente o desenvolvimento em todos os âmbitos, desde o tecnológico ao educativo.

No entanto, o cinema só veio aparecer nas práticas pedagógicas na década seguinte, devido uma nova onda de reconstruir a educação ligada ao governo, mesmo assim não sendo bem utilizado e compreendido. Nesse período (déc. 60) foi totalmente ignorado o real valor da cultura cinematográfica, já que tanto o cinema quanto a educação atendiam aos interesses políticos e não aos verdadeiros interesses da sociedade.

Apesar disso, não podemos negar que esse contato entre cinema e educação contribuiu, mesmo que em doses homeopáticas, para se inserir nas escolas uma variedade de filmes, mesmo sendo na época “pedagogizados” demais e talvez enfadonho para as crianças. A questão que nos (me) incomodou no momento de desenvolver este trabalho foi: será que hoje essas práticas com o cinema educativo tiveram alguma modificação?

2.2. O Cinema e as Práticas Educativas Atuais: O real Distante do ideal

Mais de 40 anos se passaram desde que o cinema e a educação começaram a dar os primeiros passos juntos, atualmente o cinema não apenas reproduz o real, mas também remodela e produz sua própria cultura e com isso influencia a vida das pessoas, principalmente crianças, e por conseguinte a escola.

O cinema infantil se consolidou nos dias de hoje como entretenimento e diversão de crianças de todos os níveis sociais, e podemos dizer que além disso é um “produto” comercial que vende produtos, por isso, roupas, brinquedos,

maquiagem, sapatos, e até mesmo o jeito de agir e se relacionar com o outro são copiados e reproduzidos cotidianamente dentro e fora das instituições de ensino. Portanto, fica claro que existe uma relação comunicativa dinâmica entre os filmes e seus expectadores, que desencadeia uma geração extremamente consumidora de todos os produtos da indústria cinematográfica atual.

Apesar de todos esses anos terem passado, e os filmes terem entrado na vida de crianças de todas as faixas etárias e níveis sociais, se nota que pouca coisa mudou na prática educativa, pois o que é observado nas instituições de ensino é que geralmente os filmes são exibidos para ilustrar conteúdos programáticos como antes. O que mostra que se continua desvalorizando o patrimônio artístico e cultural da humanidade, já que as instituições educacionais parecem ter dificuldade em reconhecer a arte como conhecimento.

Em contrapartida, pela grande variedade de filmes no contexto atual, as crianças têm contato com os mais variados tipos de texto cinematográfico, alguns com uma qualidade inquestionável e outros que apresentam certo gosto duvidoso. Por isso, é necessário pensar que é importante “ensinar a ver”, o que sugere estimular diálogos reflexivos sobre o que é visto, comparar diferentes tipos de interpretações, aproximando para dentro da escola a experiência com o cinema.

Se o domínio dos códigos que compõem a linguagem audiovisual constituiu *poder* em sociedades que produzem e consomem esse tipo de artefatos, é tarefa dos meios educacionais oferecer os recursos adequados para a aquisição desse domínio e para a ampliação da *competência para ver*, do mesmo modo como fazemos com a competência para ler e escrever (DUARTE, 2002, p.82)

Portanto, como o cinema é arte deveríamos proporcionar o estudo da cultura cinematográfica dentro das paredes da escola. Ou seja, da mesma forma que devemos desenvolver o interesse para ler livros, devemos descobrir meios para estimular o gosto pelo cinema, de forma a refletir criticamente sobre os mesmos.

Nesse caso gostar significa saber apreciar os filmes no contexto em que eles foram produzidos. Significa dispor de instrumentos para avaliar, criticar e identificar aquilo que pode ser tomado como elemento de reflexão sobre o cinema, sobre a vida e a sociedade em que se vive. Para isso, é preciso ter acesso a diferentes tipos de filmes, de diferentes cinematografias, em um ambiente em que essa prática seja compartilhada e valorizada (...) o cinema é um instrumento precioso, por exemplo, para ensinar o respeito aos

valores, crenças e visões de mundo que orientam as práticas dos diferentes grupos sociais que integram as sociedades complexas. (DUARTE, 2002, p. 89-90)

Para tanto, é indispensável que os educadores assistam o filme com antecedência antes de exibi-lo, para identificar elementos e elaborar um roteiro que suscite o diálogo entre os alunos, colocando em evidência o que se deseja chamar atenção, pois a maioria dos filmes podem e devem ser usados para debater os mais variados e diversos assuntos. “Tudo depende dos objetivos e conteúdos que se deseja desenvolver. O importante é que os professores tenham algum conhecimento de cinema orientando suas escolhas” (Duarte, 2002, p.94).

No entanto, a melhor maneira de educar para o cinema, de “ensinar a ver” é proporcionar a experiência prazerosa no mundo cinematográfico, pois é importante que desde muito cedo se favoreça o contato com os filmes, encaminhando para que a própria criança desenvolva sua própria “filia” com a arte audiovisual. Com relação à competência para ver Duarte et all, definem:

Definimos por competência para ver como capacidade de decodificação, análise e interpretação de significados construídos em linguagem audiovisual. Tal competência implica: algum grau de domínio da linguagem audiovisual e capacidade de articulação desta com outras linguagens; articulação do conteúdo do produto audiovisual com o conteúdo de outros produtos culturais e saberes; grau de amplitude do processo de significação – capacidade de deslocamento da técnica de Sherazade (argumento central do texto fílmico, que captura o olhar e o interesse do espectador); análise crítica: nível de diálogo que o sujeito estabelece com o conteúdo da obra. (2004, p.46)

Não podemos considerar filmes como meros materiais didáticos em que podemos usar como acessório dos conteúdos curriculares, nem tão pouco usar como uma forma de passar o tempo quando não queremos dar aula. O cinema descreve, forma e informa e por isso para fazer uso devemos compreender como as narrativas fílmicas conseguem esse feito. (DUARTE, 2002, p.95)

Ao mesmo tempo que podemos compreender o cinema como uma instância pedagógica não podemos deixar que ela seja compreendida apenas como isso. Cinema é arte, é cultura, é entretenimento, é diversão, é reflexão e não podemos limitar o seu uso no cotidiano das instituições escolares.

Mas é difícil dialogar sobre cinema, na escola quando muitas vezes nas instituições escolares não se tem o básico para construir conhecimentos com os alunos. Porém, não devemos nos conformar com essa realidade, pois é nossa obrigação enquanto profissionais na área da educação, querer, acreditar e tentar transformar a realidade educacional para melhor. Se cada educador começar a tentar modificar a realidade no lugar em que tem total autonomia, (ou seja, em suas salas de aula) iremos dar o ponta-pé inicial para uma verdadeira revolução ideológico, tecnológica, artística e cultural na educação brasileira.

Dessa forma, a escola deve acima de tudo buscar formar espectadores que reflitam criticamente sobre os filmes que são projetados tanto nas salas escuras dos cinemas quanto nos que são assistidos nas televisões ou em DVDs, pois é necessário instigar a preocupação em torno dos problemas culturais e sociais, tomando posse de informações, linguagens e referências culturais que são inerentes ao cinema.

3. CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA E O CINEMA COMO PROTAGONISTA DO MUNDO INFANTIL

Enquanto crianças, muitas vezes nos deparamos com pais, avôs, avós, tios, tias, professores e professoras aborrecidos pelas traquinagens criativas que são bem comuns nessa fase da vida. Sermões, punições, castigos, e até mesmo agressões físicas são alguns meios que os adultos utilizam para “corrigir” as peripécias das crianças que, na maioria das vezes apenas estão utilizando a imaginação para se divertir, brincar, experimentar e viver plenamente a primeira fase da vida.

Essa compreensão de infância, são resquícios de uma concepção que perdurou por vários séculos, (séc. XIV, XV e XVI), pois as crianças eram consideradas adultos em miniatura, ou seja, homens e mulheres com estatura menor. Logo após que deixavam os cueiros as crianças participavam ativamente da vida dos adultos em todas as instâncias, como afirma Louzada:

Desde a mais tenra idade, as crianças acompanhavam os adultos em qualquer circunstância, quer seja nas reuniões de negócios ou nos passeios. Participavam das danças, músicas e até de jogos dramáticos, isto é, tinham uma participação ativa nas cerimônias tradicionais, como atores e como espectadores. Os adultos se relacionavam com as crianças de igual para igual, usando linguagens grotescas e vulgares. As brincadeiras relacionadas com o sexo eram uma prática comum na época. Não se acreditava que os assuntos referentes ao sexo pudessem afetar a “inocência da criança”, até porque não se acreditava que tal “inocência” existisse. E, ainda, assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, a criança exercia um papel produtivo direto no mundo do trabalho. (1999, p.8)

Segundo a autora, essa concepção só começou a se modificar em meados do século XVII, pois foi a partir dessa época que as crianças se tornaram o centro das atenções. Os meninos burgueses depois de abandonar os cueiros ao invés de roupas de homens, começaram a usar uma camisola aberta frontalmente, com botões que caracterizava a passagem de uma fase elementar para a fase adulta, que iniciava-se aos sete anos de idade. Contudo, essa mudança só era deslumbrada em meninos de classe média e rica, as meninas juntamente com as

crianças pobres (meninos e meninas) permaneciam usando vestimentas de homenzinho e mulherzinha (LOUZADA, 1999, p. 9)

Contudo foi a partir do século XVIII, que formou-se uma nova concepção de infância respeitando suas questões psicológicas, havendo uma necessidade de conhecer sua mentalidade para educá-la de forma mais apropriada e também com o surgimento de uma sociedade capitalista, urbano-industrial.

Entretanto, esse entendimento de infância foi sendo construída ao longo dos séculos, portanto para compreender melhor como essa construção foi sendo realizada, será citado um trecho do livro de Louzada (1999, p. 11-12) que retrata perfeitamente o que os educadores e filósofos pensavam sobre as crianças no momento histórico a qual fizeram parte.

- **Comênio (1592-1671)** – Foi o primeiro a comparar a criança como uma sementinha. Para Comênio, o mundo havia sido criado bom e harmonioso, mas como o homem é, por natureza, perverso, instaurou na sociedade o desequilíbrio. Essas idéias acabaram criando novas expectativas na educação das crianças, pois acreditava-se que cabia à escola regenerar a sociedade. Assim, nada melhor do que iniciar o processo de regeneração desde a mais tenra idade.
- **Rousseau (1712-1778)** – O homem é naturalmente bom, a sociedade é que o corrompe. Portanto, as crianças devem ser educadas alheias aos ditames da sociedade corrompida. Para Rousseau, não se deve moldar o espírito da criança de acordo com um modelo preestabelecido. A criança deve fazer, sem a ajuda dos outros, aquilo que é capaz de fazer sozinha.
- **Pestalozzi (1746-1827)** – A criança se desenvolve por leis definidas; os poderes infantis brotam de dentro para fora. A gradação do seu desenvolvimento infantil deve ser respeitada, pois as crianças apresentam características próprias, mas que, se não forem bem cuidadas, regadas pelo adulto, podem não desabrochar de forma harmoniosa, comprometendo a sua personalidade.
- **Froebel (1782-1852)** – A criança é por si só fonte de todas as virtudes. Se for bem estimulada a descobrir as suas potencialidades, poderá se constituir num adulto conhecedor de si mesmo.
- **Montessori (1870-1952)** – Preconizou uma educação voltada para o desenvolvimento integral da criança, ressaltando as forças inatas e interiores do ser, dando ênfase ao fato de que a criança “se basta” no processo de desenvolvimento intelectual.
- **Piaget (1896-1980)** – A criança constrói o conhecimento interagindo com o meio físico e social. Ela é um ser ativo que vivencia diferentes fases. Deve-se respeitar essas fases, propiciando à criança situações de aprendizagens que lhe possibilitem atuar sobre o objeto de conhecimento.
- **Vygotsky (1896-1934)** – A criança não é um adulto em miniatura e nem um ser que se basta no seu processo de desenvolvimento. Ela pode até abordar os problemas de forma semelhante à que o adulto

utiliza para operá-los, mas o modo de resolvê-los é completamente diferente. A criança se constitui por meio das relações sociais das quais a linguagem é a expressão fundamental. Nesse caso, o “outro” atua de forma significativa no processo de desenvolvimento da criança. Esse “outro” é sua família, a sua comunidade, os colegas, a professora, enfim, os seus interlocutores. (1999, p. 11-12)

Como podemos perceber além dos demais teóricos, Vigotsky contribuiu imensamente para que houvesse uma separação do mundo adulto com o mundo infantil. Pois além de mostrar a importância de conhecer a maneira com que a criança se desenvolve, também apontam para a importância do meio para o processo de desenvolvimento infantil.

Na atualidade as crianças tem fácil acesso aos conteúdos adultos, por meio dos artefatos culturais com os quais passam a se relacionar o que leva, inclusive, alguns pensadores apontarem ao **desaparecimento da infância** devido à grande influência da mídia, especificamente à televisão. Pois o fácil acesso das crianças aos conteúdos adultos estaria expulsando o sentimento de infância e extraindo sua inocência.

(...) a televisão destrói a linha divisória entre infância e idade adulta de três maneiras, todas relacionadas com sua acessibilidade indiferenciada: primeiro, porque não requer treinamento para apreender sua forma; segundo porque não faz exigências complexas nem à mente nem ao comportamento; e terceiro porque não segrega seu público. (POSTMAM, 1999, p. 94)

Esse definhamento da infância se agrava por outros fatores que são: a falta de diálogo entre adultos e crianças e o fato de não existir tanto na família e principalmente nas instituições educacionais a cultura de “ensinar a ver”.

Percebemos que a grande maioria dos responsáveis pelos que são exibidos através das mídias não estão preocupados com os conteúdos que chegam às crianças, e é necessário que haja um bom senso entre os pais para controlar o acesso a esses tipos de informações.

Vivemos em uma sociedade midiática em que as informações estão cada vez mais globalizadas e por isso a família e escola não podem ficar à margem desse contexto. É nessa situação que o cinema infantil mais do que nunca deve entrar em cena, já que neste momento, revela-se como um meio de comunicação social de suma importância para a infância das crianças, principalmente em seu processo de

construção do conhecimento sócio-cultural e individual, principalmente relacionado à imaginação e compreensão pessoal de si.

3.1. O cinema e a relação entre infância e imaginação

Qual é o adulto de hoje que em seu tempo de infância não tinha crises de risos ao assistir aos filmes dos Trapalhões nas décadas de 70 e 80? Qual é o adulto de hoje que não se emocionou assistindo “E.T O Extraterrestre” (1982) ou “Meu primeiro amor” (1991)? Qual é o adulto de hoje que não se aventurou e sentiu vontade de experimentar as guloseimas do filme “A fábrica de chocolate” (1971)? Possivelmente a grande maioria dos adultos da nossa sociedade se emocionaram de formas diferentes assistindo a esses clássicos que fizeram sucesso no meio infantil à algumas décadas passadas.

Quando lembramos de qualquer um desses filmes com seus personagens inesquecíveis, imediatamente nos remetemos à nossa infância e a todas experiências que vivemos durante essa fase da vida. Contudo, nos dias atuais a demanda de filmes infantis é imensamente maior do que em algumas décadas atrás.

As muitas possibilidades de entretenimento audiovisual contribuem para provocar a mente pensante de nossas crianças, pois partimos da concepção histórico-cultural que compreende que é em contato com o meio em que vive que o indivíduo se constitui como tal, não desprezando as suas características inatas, mas entendendo que elas apenas não se bastam para o desenvolvimento integral de um indivíduo.

Podemos dizer que cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana. (LEONTIEV apud PASCUCI, 2009, p. 54)

Entretanto, é importante destacar que o indivíduo não é um sujeito passivo quando entra em contato com o meio, pois na medida em que um transforma o outro, ambos são transformados, dando origem a uma nova realidade. E é nessa dinâmica que o indivíduo pensa sobre o passado, recria seu presente e modifica o futuro, inspirado por sua imaginação, ou em outras palavras “ movido pela força da imaginação, o homem modifica seu presente. Nesse sentido tudo o que existe e foi

criado pela mão do homem surgiu de um ato de imaginação” (PASCUCCI, 2009, p.57).

A potencialidade de imaginar e criar estão notadamente latente nas crianças, presente no que eles apresentam interesse, como nas brincadeiras, nos filmes, na relação com os adultos e etc.

Portanto, se o cinema está na base do mecanismo criador, este pode agir como um tópico na intervenção entre o real e o não-real. Em vista disso, Vygotsky apresenta quatro maneiras de ligação entre imaginação e realidade que veremos a seguir, do seu livro “La Imaginación y el Arte em La infância” (2003).

A **primeira forma** afirma que a intensidade produtora da imaginação está intrinsecamente relacionada com a fartura e diversidade da experiência vivida e acumulada pelo homem, porque compõe o material com o qual construirá a habitação da fantasia.

A atividade criadora da imaginação encontra-se em relação direta com a riqueza e variedade da experiência acumulada pelo homem porque essa experiência é o material com que este levanta/erige sua fantasia. (VYGOTSKY, 2003, p. 17)

Diante disto, é importante destacar o papel do professor durante esse processo, pois suas atividades terão relação direta na produtividade imaginativa das crianças, já que quanto mais as crianças experimentem, assistam, vivenciem e internalizem momentos diversos melhor será para o seu desenvolvimento integral e social.

A **segunda forma** não se limita a repetir o assimilado de experiências vividas, pois abrange também a experiência do outro. Sendo as experiências históricas e sociais também internalizadas.

Resulta, assim uma dependência dupla e recíproca entre realidade e experiência. No primeiro caso a imaginação se apóia na experiência, no segundo é a experiência que se apóia na fantasia. (VYGOTSKY, 2003, p.20)

A **terceira forma** está conduzida pelo conceito da dupla expressão dos sentimentos. Pois são as emoções que vão determinar de maneira direta na nossa percepção de realidade, o que significa dizer que tudo o que nossa mente constrói

está relacionada com os nossos sentimentos. "Isto explica o porquê das profundas impressões causadas em nós por obras de arte criadas pelas fantasias de seus autores" (VYGOTSKY, 2003, p. 23)

A **quarta forma** proposta, é aquela que a fantasia estabelece algo absolutamente inédito, não existente na vivência do homem sem fazer analogia a qualquer objeto real, sendo ele o próprio real.

[...] sua essência consiste pelos edifícios construídos pela fantasia pode representar algo completamente novo, não existente na experiência do homem como nenhum outro objeto no real, mas para receber a forma material é transformado em uma imagem cristalizada objeto empuzado para realmente ter sucesso no mundo ea influência de outros objetos. (VIGOTSKY, 2003, p. 24)

Essas quatro formas de conexão entre realidade e imaginação, compreendidas por Vigotsky evidencia a arte, e principalmente o cinema como o verdadeiro astro entre essas ligações. Nada melhor do que o contato com os filmes infantis para expandir os horizontes, desenvolver idéias, intensificar sentimentos, ampliar os desejos e as impressões, além de sistematizar de maneira impar as concepções, as emoções e as sensações.

Pois só assim se é possível recriar a si e a sociedade a qual fazemos parte. Neste aspecto, um trabalho com a imaginação através do cinema pode abordar propostas de acionar outras maneiras de enxergar, produzir, conceber e ler o mundo, como também, estabelecer comparações, questionar e distinguir. Sendo assim, existem inúmeras formas de interação lúdico-cultural entre os filmes e as crianças, seja como arte, mercadoria, consumo cultural, histórias, personagens, músicas e etc. "Desde a participação da criança na cultura e suas diferentes formas de socialização, às vivências de emoções e experiências de diversos tipos de aprendizagens" (FANTIN, 2006, p. 29)

Dessa forma, além da possibilidade da imaginação, o cinema pode também ser compreendido como mediação entre o que podemos ou não ver, desencadeando outras formas de participação para além de espectadores. Ou seja, a cultura cinematográfica também abrange a possibilidade de trabalhar educação *para, com e através* das mídias. Como nos revela (RIVOLTELLA apud FANTIN, 2006, p.30)

Nessa perspectiva, o cinema no contexto da mídia-educação é entendido a partir de suas dimensões estéticas, cognitivas, sociais,

psicológicas, inter-relacionadas com o caráter instrumental, *educar com o cinema*, e com o caráter de objeto temático, *educar sobre o cinema*, como destaca Rivoltella (2005). Ou seja, a mediação educativa com crianças pode abordar o cinema como instrumento, objeto de conhecimento, meio de comunicação, e meio de expressão de pensamentos e sentimentos (2006, p. 30)

Considerar o cinema como meio que enriquece a imaginação, exprime que a atividade de contar histórias com imagens, sons e movimentos pode atuar no âmbito da consciência do sujeito, permitindo ir fundo dentro de nós mesmo, nos adequando dentro da nossa própria história, personalizando o nosso processo de construção do conhecimento, apreciando, produzindo e reinventando nossa cultura e principalmente pelos filmes infantis possibilitar viver na primeira fase da vida, uma infância que faça viagens maravilhosas ao mundo da imaginação, fascinando, sonhando, deixando criança ser criança, sem revelar os “segredos” do mundo adulto que são desnecessários para essa fase tão deliciosa da vida de qualquer pessoa.

3.2. Cinema: fantasia ou realidade?

O cinema traz um encantamento que nenhum outro tipo de arte consegue proporcionar e é este fascínio que faz com que a imaginação das crianças sejam cada vez mais suscitada.

Não é a toa que é muito utilizada a metáfora do cinema como viagem, já que com seus inúmeros recursos tecnológicos o cinema oportuniza uma verdadeira viagem à imaginação e aos sonhos da fantasia. E é por envolver tanto os espectadores – sejam estas crianças ou não - que fica difícil até para estudiosos que refletem sobre o assunto responderem se o cinema é fantasia ou realidade.

Na verdade, o cinema cria uma sensação de que tudo que ali está sendo exibido é real, o que Christian Metz* convencionou chamar de *impressão da realidade*.

[...] Um pouco como num sonho: o que a gente vê e faz no sonho não é real, mas isso só sabemos depois, quando acordamos. Enquanto dura o sonho, pensamos que é verdade. Essa ilusão de verdade, que se chama de *impressão de realidade*, foi provavelmente a base do grande sucesso do cinema. O cinema dá a impressão de que é a própria vida que vemos na tela, brigas verdadeiras, amores verdadeiros. (BERNARDET, 1985, p.5)

* Christian Metz (1931 -1993) foi um francês foi um teorizador sobre filmes que teve forte impacto sobre a teoria cinematográfica

Porém, ao contrário dos sonhos que só podem ser vivenciados apenas por uma única pessoa enquanto dorme, o cinema remete a mesma sensação de realidade em vários espectadores ao mesmo tempo e com olhos abertos e atentos.

Mas, porque então mesmo conscientes de que os filmes não passam de ficção os indivíduos se deixam seduzir pela mágica do cinema? Sobre isso Duarte diz:

[...] Precisamos da ficção tanto quanto precisamos da realidade. Embora não possamos viver em um mundo de fantasias, temos necessidade de sair um pouco do mundo do real para aprender a lidar com ele. Além disso, a ficção atua como um dos elementos dos quais lançamos mão para dar sentido à nossa existência. Assim, quando entramos em contato com um filme fazemos uma espécie de pacto com o cinema, permitimos que sejam apagadas, temporariamente, as fronteiras que separam verdade de ficção. Não é que nos deixemos “enganar” pela técnica cinematográfica, como sugerem alguns autores, apenas consentimos em “fingir” que tudo aquilo é verdade (dentro de certos limites, é claro), para que a experiência de assistir ao filme seja prazerosa e, em última instância, bem-sucedida. (DUARTE, 2002, p. 70)

Na realidade, há um tipo de acordo entre o cinema e o público, principalmente o público infantil, em que o espectador deposita suas expectativas fantasiosas e imaginativas e o cinema em forma de arte e espetáculo transforma todos os anseios em realidade, mesmo que por alguns momentos. Assim, ambos conseguem compartilhar emoções tão intensas que muitas vezes os espectadores chegam às lágrimas de tão comovidos que ficam, ou dão estrondosas gargalhadas com situações engraçadas.

O cinema não é apenas a representação da realidade, mas também reflete a própria visão do ser humano sobre o mundo. Sobre isso Bernardet (1985, p.7) diz:

[...] Os nossos dois olhos nos permite ver em perspectivas: não vemos as coisas chapadas, mas as percebemos em profundidade. Ora, a imagem cinematográfica também nos mostra as coisas em perspectiva e por isso ela corresponderia à percepção natural do homem. A reprodução da percepção natural apresentar-nos-ia a reprodução da realidade, tudo isso graças à máquina que dispensaria maior intervenção humana.

Dessa forma, mesmo sendo um documentário ou até mesmo com caráter jornalístico, o cinema sempre abordará uma “realidade” do ponto de vista do idealizador do filme, e este por sua vez é inegavelmente influenciado pela sua cultura, posição social e etc. Ou seja, o que pode ser uma verdade absoluta para uma pessoa, pode não ser para outra, sem mencionar as infinitas e diversas interpretações que podem surgir através do olho do espectador sendo um filme baseado em fatos reais ou não.

Contudo os espectadores “receptores” não são passivos à isso, pois interpretam o filme de acordo com suas vivências de mundo, personalidade, cultura e imaginação.

Para compreendermos melhor sobre isso, na década de 1980, estudiosos começaram a questionar o entendimento do “receptador”. Eles viram que esse “receptador” é um sujeito social, dotado de valores, crenças, conhecimentos e idéias inerentes à sua(as) cultura(as), que se relaciona ativamente na interpretação dos conteúdos cinematográficos, como esclarece Duarte (2002, p. 65) que afirma que “Pesquisas realizadas nessa área mostraram que o espectador não é vazio nem, muito menos, tolo; suas experiências, sua visão de mundo e suas referências culturais interferem no modo como ele vê e interpreta os conteúdos da mídia” .

É justamente pelo cinema dar essa impressão da realidade, que é possível provocar a imaginação das crianças juntamente com a possibilidade de variadas interpretações como também com a identificação (falaremos sobre no tópico a seguir), que consolidaram o cinema como arte e conseguiram atrair os mais diversos público, principalmente o infantil, alcançando assim seu estrondoso sucesso.

3.3. Identificação: relação entre espectador, imaginação e cinema

Quem nunca assistindo a filmes se identificou com algum personagem ou a alguma situação que o enredo do filme trazia? Quem nunca imaginou estar no lugar daquele personagem enquanto este vivia uma cena de amor, aventura ou até mesmo em um momento de ira? Quem nunca remeteu uma cena de um filme a algo que já foi vivido em sua vida real? Pois é, muito provavelmente não há como não

haver uma identificação do espectador com os filmes, justamente pela impressão da realidade tão densa destes.

A teoria da psicanálise define *identificação*, “como um processo psicológico por meio do qual o indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, de acordo com o modelo escolhido” (LAPLANCHE; PONTALIS apud DUARTE, 2002, p.70-71), sendo o modo pelo qual a pessoa humana se estabelece enquanto tal.

Para se ter dimensão da importância da identificação, alguns cineastas costumam dizer que sem identificação não há filme, ou seja, nada daquilo funciona segundo Duarte, que acrescenta:

[...] projetamos parte de nossos conteúdos internos no filme e, de certo modo, vivenciamos junto com os personagens as circunstâncias dramáticas em que eles estão envolvidos. Desse modo, podemos compreender as atitudes e escolhas deles, e, ao mesmo tempo, refletir sobre nossas próprias experiências. (2002, p.71)

Por isso, é fundamental que os filmes tragam elementos nos quais os sujeitos espectadores possam se reconhecer ou projetar sua imaginação e seus sentimentos como: medos, receios, vontades, gostos, cobiças, virtudes, esperanças, desesperos e assim por diante, para que agradem ao público. Deste modo, consideramos a identificação como elemento-chave para intensificar a atividade imaginativa da criança.

Ao mesmo tempo em que são admitidos temporariamente como “reais” os chamados “efeitos de realidade” da linguagem cinematográfica, são mobilizadas no espectador estruturas psíquicas que permitem/favorecem o seu processo de *identificação* com a narrativa. Identificar-se com a situação que está sendo apresentada e reconhecer-se de algum modo nos personagens que a vivenciam constitui o vínculo do espectador com a trama. Pela identificação o espectador pode se deixar conduzir pelo sentido da narrativa enquanto atribui significados a ela a partir de suas experiências pessoais. Dependendo do modo como ocorre, a identificação pode manter estáveis ou pode desestabilizar os esquemas interpretativos mais freqüentemente adotados pelo espectador para a compreensão do que vê. Nesse sentido, ela pode tanto favorecer quanto dificultar (ou até inviabilizar) o processo de significação; trata-se de uma “intervenção” mais ou menos aleatória e imprevisível, que pode levar mesmo o espectador mais experiente a modificar seu percurso associativo-padrão de modo a lidar com as emoções (geralmente

intensas) geradas pela experiência de identificação. (DUARTE et all, 2004, p.45).

Não obstante, existe uma relação recíproca entre cinema e espectador, em que ambos precisam se identificar um no outro, para assim conseguirem suprir suas necessidades e anseios. É como se houvesse uma necessidade em combinar os interesses, na tentativa de deixar por um período de tempo indistinto, vida e filme, realidade e imaginação.

Sendo assim, fica claro que o cinema reflete os sentimentos mais íntimos das pessoas, o que faz com que elas acabem por se identificar com os filmes. Porém, o cinema vai mais além do que apenas uma representação da psique humana, pois também inspira os espectadores a vivenciarem emoções jamais sentidas por estes, além de possibilitar uma diversidade imaginativa, proporcionando uma enorme satisfação à quem assiste.

4. TRILHANDO OS PASSOS DA METODOLOGIA

Vivemos em uma sociedade marcada pela utilização e grande influência da mídia e das tecnologias. Atualmente, até mesmo as crianças das classes mais desfavorecidas conseguem ter acesso a diferentes formas de arte, produtos culturais e meios de comunicação, como cinema, computador, internet e entre outros.

Por isso, não há como negar que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) possuem um papel extremamente importante na formação de um indivíduo que conheça a si próprio como também o meio social a qual está inserido.

Assim, a presente pesquisa parte da compreensão que a vivência cinematográfica – independente do local que aconteça – possui a potencialidade de educar, dentre muitas outras, e são os espectadores que atribuem esse caráter educativo aos mesmos.

Portanto, por estarmos inseridos nesse atual cenário social faz-se necessário aprofundar nossos conhecimentos com o intuito de analisar a possibilidade de inserção do cinema infantil nas práticas educativas, como objeto de conhecimento.

Para tanto essa pesquisa, foi realizada através de pesquisas bibliográficas bibliográficas de autores como: Bernardet (1985), Brasil (2001, 2002), Duarte (2002, 2004), Fantin (2006, 2007), Favaretto (2004), Freire (1996), Fresquet (2005), Lemme (1997), Louzada (1999), Pádua (2009), Pascucci (2009), Pires (2011), Postmam (1999), Rocha (2005), Setton (2004), Sousa (2005), Trinta, e Vigotsky (2003); e da observação feita na prática educacional da instituição de ensino Educandário Luz do Saber, situada na cidade de Queimadas - PB.

A contribuição acadêmica deste trabalho é no sentido também de possibilitar uma reflexão acerca de entender como se dá a participação dos alunos no processo de construção do conhecimento após o contato com a cultura cinematográfica; as formas de contato que os alunos têm com a cultura cinematográfica, mesmo fazendo parte de família com baixa renda; além de avaliar algumas alternativas que melhorem a utilização do cinema na instituição. Dessa forma, esse estudo irá servir à outros(as) pesquisadores(as) do curso de Pedagogia, pois durante minhas pesquisa observei que existem poucos trabalhos elaborados com esses objetivos.

4.1. Tipos de Pesquisa

Os achados bibliográficos das diferentes ciências humanas foram articulados com o foco de análise numa perspectiva questionadora. Nesse sentido, partimos em busca de tentar responder os questionamentos a respeito do tema, para analisar como se dá a participação dos alunos no processo de construção do conhecimento após o contato dos mesmo com o cinema. Por isso, classificamos essa pesquisa como sendo uma pesquisa bibliográfica e descritiva, com características qualitativas.

4.2. Instrumentos da Pesquisa

Inicialmente foi proporcionado aos alunos do 2º, 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental (com faixa etária entre 7 e 10 anos) a vivência do cinema, os mesmos assistiram ao filme “Os Smurfs” (2011), que era o único filme infantil em cartaz no cinema Cinesercla, Campinha Grande-PB. Em seguida, foi filmada uma entrevista informal com os alunos para termos uma melhor compreensão do que eles acharam da experiência, se houve identificação deles para com algum personagem, quais foram as partes do filme que eles mais gostaram, se assistem a filmes com frequência, e se costumam comprar produtos com os personagens dos mesmos.

Além dessa conversa, nos dias subsequentes, foi realizado atividades de ilustração, escrita e pesquisa, com os alunos para compreendermos melhor como ocorre o processo de construção do conhecimento após a vivência da cultura cinematográfica.

4.3. Breve Histórico da Instituição Educacional Educandário Luz do Saber

Fundada no ano de 2006 em uma comunidade de famílias com baixo poder aquisitivo, a escola Educandário Luz do Saber, situada da cidade de Queimadas/PB é uma instituição particular que atende 58 crianças do maternal ao 9º ano.

As turmas do maternal, pré II e 1º ano funcionam pelo turno da manhã, e as turmas do pré I, 1º ano, 2º ano, 3º e 4º ano, e 5º ano funcionam à tarde (sendo algumas turmas multisseriadas como as turmas do pré II e 1º ano, e também 3º e 4º ano funcionando na mesma sala, com a mesma professora).

A instituição apresenta no seu quadro de funcionários 5 professoras, 1 auxiliar para a turma do maternal, e 1 diretora que além dessa função também trabalha como professora do maternal e está presente na instituição apenas pelo turno da manhã.

De acordo com a diretora Hortência, apesar de ser uma instituição com espaço físico pequeno a escola procura proporcionar uma educação de qualidade e que seja significativa para os alunos interdisciplinarizando os conteúdos programáticos com a realidade social a qual os mesmos estão inseridos, buscando assim melhorar o meio a qual fazem parte.



FIGURA I: *Educandário Luz do Saber, Queimadas/PB*

4.4. A vivência da cultura cinematográfica pelos alunos da Escola Educandário Luz do Saber

Compreendendo que para realizarmos uma pesquisa sobre cinema e educação, é indispensável que haja o contato direto dos alunos com a cultura cinematográfica. Portanto, os alunos do 2º, 3º, 4º e 5º ano (com faixa etária entre 7 e 10 anos) da escola Educandário Luz do Saber tiveram essa experiência e assistiram ao filme “Os Smurfs” (2011) no Cinesercla na cidade de Campina Grande/PB.



FIGURA II: Os alunos e professoras dentro da van indo ao cinema

Foram levados ao cinema 17 crianças, com faixa etária entre 7 e 10 anos, e 3 professoras. Só apenas 1 das 17 crianças já tinha ido ao cinema, e das professoras nenhuma havia estado antes em uma sala de projeção. Uma das professoras, aproveitou a oportunidade e levou seu filho de 16 anos de idade para visitar à sala de projeção pela primeira vez. Portanto, ao todo 21 pessoas foram assistir ao filme, e 20 pessoas estavam indo ao cinema pela primeira vez.

Vale destacar aqui que alguns dias antes de nossa ida ao cinema, muitos pais haviam ligado para a diretora da escola, para perguntar se podiam ir também, pois nunca tinham tido a oportunidade de ir ao cinema antes e viam aquele momento como uma grande oportunidade de conhecer. Porém, a diretora preferiu não atender ao pedido dos pais, mas prometeu em outra ocasião promover esse momento entre pais e filhos.

No dia de nossa ida ao cinema, os alunos estavam muito ansiosos e enquanto esperávamos o nosso meio de transporte chegar, a professora do 4º ano aproveitou o momento e conversou com os alunos para que eles tivessem um comportamento adequado no shopping, pois os mesmos iriam passar em frente ao game station, sabendo que a maioria dos alunos nunca haviam estado no shopping ela explicou que era um lugar que tinha bastante brinquedos, mas que naquele dia nós iríamos apenas ao cinema e que em outro momento poderia ser combinado com os pais para eles irem brincar no mesmo.

Foi observado durante esta conversa, a preocupação em explicar aos alunos que a sala do cinema era escura para eles não sentirem medo, pois estavam receosas de acontecer algum imprevisto e os alunos se recusarem em ficar dentro da sala do cinema por medo. Após esse momento de avisos e sobreavisos, nos dirigimos à cidade de Campina Grande, e depois de aproximadamente 20 minutos enfim chegamos.

Logo, que desceram da van uma das 3 professoras começou a organizar uma fila indiana para que os alunos se dirigissem ao cinema. As crianças aparentavam estar ansiosas, pois a maioria nunca havia estado em um shopping antes, e para elas aquilo era uma grande novidade que provavelmente muitas só teriam quando já estivessem na adolescência ou até mesmo na fase adulta.

Tudo ao redor delas era novo, até mesmo a escada rolante, que mesmo sem as professoras deixarem subir por ela, para as crianças foi um máximo ver aquela “escada que sobe sozinha” como uma delas definiu.



FIGURA III: Chegada dos alunos ao shopping



FIGURA IV: Os alunos chegando ao cinema Cinesercla

O ambiente, as luzes, os filmes que estavam em cartazes, o porteiro que recebeu os bilhetes das entradas, absolutamente tudo estava sendo uma experiência única, uma experiência de infância.



FIGURA V: Os alunos indo em direção à sala de projeção

Chegamos quinze minutos antes da sessão iniciar, o que para as crianças pareceu uma eternidade. Enquanto estavam sentadas esperando o filme todos estavam inquietos, olhando tudo. Ouvi perguntas relacionadas desde as luzes vermelhas dos degraus, até a altura do teto, uma aluna que estava ao meu lado ficou admirada com o tamanho do “telão”, enquanto outra perguntava de dois em dois minutos quanto tempo faltava para o filme começar.



FIGURA VI: Alunos e professoras dentro da sala de projeção

Faltando poucos minutos, deu-se início aos trailers de alguns filmes infantis, e mesmo apenas sendo trailers as crianças adoraram e muitas esboçaram a vontade de ir assistir algum dos filmes que apareceram de forma resumida na telona.

Logo em seguida, as luzes se apagaram e a ansiedade deu lugar para o silêncio, atenção e a diversão. O filme “Os Smurfs” (2011) conta uma história muito divertida e cheia de efeitos especiais que encantaram a todas as crianças. De acordo com a sinopse do mesmo: Quando o mago malvado Gargamel expulsa os pequenos seres azuis da sua vila, eles rolam do seu mundo mágico e caem no nosso – mais precisamente, bem no meio do Central Park de Nova York. Os Smurfs precisam encontrar um jeito de voltar para a vila antes que Gargamel os localize.



FIGURA VII: Alunos assistindo aos trailers

Porém, o filme aborda outras questões que além de divertidas ensinam valores importantíssimos para a convivência em sociedade. Cada smurf tem uma característica única e especial, mesmo as características consideradas socialmente “ruins”, na vila dos smurfs o respeito pelo outro é fundamental, pois ensina que sendo inteligente ou atrapalhado, forte ou frágil, mais velho ou jovem, todos tem um papel importante dentro da comunidade que fazem parte, e portanto, todos devem ser tratados não como iguais, mas sim como únicos e por isso merecedores de respeito.



FIGURAVIII: Cartaz do filme “Os Smurfs” (2011)

Outra questão também belíssimamente abordada no filme, é o respeito à natureza – no caso a Vila Smurf – pois mostra que enquanto a natureza estiver sendo preservada, todos os seres que nela habitam estarão seguros e felizes.

Enquanto o filme era exibido uma criança me chamou atenção, pois ela encontrava-se de pé olhando para trás, mais precisamente para a janelinha que fica no alto da parede do cinema, onde se encontrava o cinematográfico. Notei que ali mais do que o filme, o importante era o ambiente, era a experiência, os olhos daquela criança que percorriam toda a sala, estavam maravilhados com aquele pequeno espaço de mundo encantado que consegue proporcionar tanta emoção e imaginação.

Um fato que me chamou atenção, foi que assim que o filme começou, na cena que os smurfs saem da vila onde moram e vão para a cidade, dois alunos do 2º ano conversam entre si:

__ "Oxe, e eles vão pra São Paulo é?"

__ "É não, né tia? Eles tão nos Estados Unidos, por que é nos Estados Unidos que o povo usa essas roupas"

Diário de campo, setembro, 2011

Depois de alguns segundos, o próprio filme tira a dúvida dos alunos, pois um dos personagens comentam que eles estão em New York – Estados Unidos , e o diálogo continua:

__ "Eu não te disse que era nos Estados Unidos?"

Diário de campo, setembro, 2011

Esse momento confirma que no cinema também se constrói conhecimentos, na medida que o indivíduo – no caso a criança – ao ter contato a cultura cinematográfica descobre uma cultura diferente da sua, seja na forma de agir, na alimentação, no formato dos prédios ou casas, ou até mesmo na maneira de se vestir o que desencadeou o diálogo acima citado.

Mas além do filme em si, o contato com o outro na sala de projeção também se faz fundamental, pois foi no conflito do momento, em querer saber qual a cidade que os smurfs tinham ido parar, que juntas e com a contribuição do cinema construíram este conhecimento. O que confirma a teoria de Vigotsky relacionada à Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Sobre ZDP é importante saber que:

Toda função do desenvolvimento cultural da criança aparece em cena duas vezes, ou em dois planos; primeiro no plano social e depois no psicológico, em princípio entre pessoas como categoria intersíquica e logo no interior da criança como categoria intrapsíquica. Isto também se aplica a atenção voluntária, memória lógica, a formação de conceitos e o desenvolvimento de escolhas, vontades... A internalização transforma o processo que se desenvolve e altera suas estruturas e funções. Relações sociais ou relações entre pessoas dão suporte a todas as funções superiores e modo como elas interagem. (VYGOTSKY apud TRINTA, 2009, p. 153)

Ou seja a Zona de Desenvolvimento Proximal é a distância daquilo que o indivíduo sabe fazer sozinho com aquilo que ele faz com ajuda do outro, seja este uma criança, os pais, o professor ou até mesmo um filme, como vimos anteriormente.

Contudo, quando o filme acabou, nos dirigimos à praça de alimentação do shopping e lá filmei alguns depoimentos fascinados das crianças. Nos depoimentos as crianças relataram o que acharam do filme, qual o personagem que eles mais gostaram, e a parte do filme que eles acharam mais divertidas.

No caso do filme “Os Smurfs”, era praticamente impossível que alguma criança não se identificasse com algum personagem, já que todos possuíam características bem singulares e similares até mesmo as de pessoas humanas. Prova disto está registrado em uma das filmagens, em que quando pergunto qual o personagem que eles gostaram um aluno responde e logo é interrompido por outra aluna:

_ “Eu gostei mais do Papai Smurf”

_ “Só por que ele é o chefe”

Diário de campo, setembro, 2011

Como o filme apresenta personagens com características bastante acentuadas, houve uma grande identificação por parte das crianças com os

mesmos. A maioria das meninas disseram que gostaram mais da personagem Smurfette (que é a única smurf menina), alguns meninos disseram que se identificaram mais com o Desastrado, e outros com o Papai Smurf, e assim por diante, como podemos notar pelo diálogo acima. Para Duarte:

[...] identificar-se com a situação que está sendo apresentada e reconhecer-se, de algum modo, nos personagens que a vivenciam é o que constitui o vínculo entre espectador e a trama. Os cineastas costumam dizer que sem identificação não há filme, ou seja, nada daquilo funciona. Para que a história faça sentido e conquiste a atenção do espectador, até o final, é preciso que haja nela elementos nos quais o espectador possa reconhecer e/ou projetar seus sentimentos, medos, desejos, expectativas, valores e assim por diante. (2002, p. 71)

Ao término do filme percebi que mais do que qualquer outro conhecimento os alunos e também as professoras saíram da sala de projeção com um sentimento precioso, que com certeza levarão para suas vidas, que é o gosto pela arte e pelo cinema.

Apreciar o que nos faz bem, principalmente durante a infância, deve ser um hábito natural de nossas vidas, e não é por pertencer a classe rica ou pobre que devemos deixar de vivenciar esses momentos de emoção, diversão, troca de conhecimento, autoconhecimento, e reconstrução da sociedade. A infância é uma fase única da vida de uma pessoa, por isso devemos propiciar às crianças desse geração, uma infância onde a brincadeira, a imaginação, o lúdico e o cinema sejam sempre protagonista na história de vida de cada um.

4.5. A globalização do cinema infantil e seu apelo mercadológico

Desde a primeira exibição pública ocorrida, em Paris no ano de 1895 até os dias atuais, os filmes sofreram grandes transformações em todos os seus aspectos: tecnológicos, ideológicos, comerciais, culturais e até mesmo de acessibilidade. Devido a globalização, os filmes infantis chegam as casas de crianças de todos os níveis sociais. As que possuem famílias com uma melhor condição social freqüentam com certa regularidade às salas de projeções, contudo é interessante saber como as crianças que não pertencem à esse grupo social tem contato com os filmes infantis.

Através da observação que fiz na Escola Educandário Luz do Saber – que trabalha com crianças com baixo poder aquisitivo - constatei que a grande maioria das crianças tem o contato com os filmes infantis através do comércio ilegal de DVDs, pelo fato de serem facilmente encontrados e pelo preço bastante acessíveis pais conseguem atender aos pedidos das crianças, e compram filmes, desenhos animados, seriados e entre outros que fazem parte do mundo audiovisual infantil.



FIGURA IX: aluna do 2ª ano com mostras de alguns DVDs do seu acervo pessoal

Todavia, na medida que os filmes infantis alcançam crianças de todos os âmbitos da sociedade, conseqüentemente o apelo comercial de produtos com os queridos personagens do mundo infantil também aumenta. Mochilas, sandálias, relógios, brinquedos, cadernos, lápis e estojo são alguns dos produtos que os pais das crianças compram para satisfazer as “necessidades” comerciais dos pequenos.

As crianças e os jovens são geralmente muito vulneráveis à publicidade, porque não têm uma mentalidade crítica nem a capacidade de ler a verdadeira mensagem que uma determinada publicidade está transmitindo (...) um especialista em marketing para crianças afirmou: “Mesmo crianças de 2 anos de idade estão interessadas na marca de suas roupas, e os 6 anos já são consumidoras formadas”. (BRASIL, 2002, p. 19)

Se por questões mercadológicas a mídia bombardeia nossas crianças com todo esse marketing, incitando ao consumo irresponsável, é necessário ressaltar novamente que a escola juntamente com a família, deve dialogar com as crianças é possível incentivar o pensamento crítico a cerca de toda essa publicidade a qual cotidianamente elas têm contato, pois é papel de todos os responsáveis pela educação formar cidadãos reflexivos e críticos do mundo a qual fazem parte.

Da mesma maneira, deve-se orientá-los sobre a prática da pirataria, pois atualmente é um grande problema social, e a escola não deve esquivar-se de sua responsabilidade. Pois, será que as crianças sabem que a venda de DVDs piratas é uma violação contra os direitos do autor? Será que eles tem consciência que ao comprar um DVD pirata elas estão contribuindo com essa prática? Será que elas conhecem a Lei anti-pirataria nº 10.695 de 01/07/2003?

Exemplificamos aqui questões sociais que as escolas podem e devem abordar relacionadas ao cinema e o seu papel social, mas existem tantas outras que muitas vezes passam despercebidas em nossa prática, por limitarmos a educação aos conteúdos ditos “importantes”.

Em suma, é indispensável que a escola priorize ações que tenham em vista uma formação em que o aluno seja capaz de ler, interpretar e analisar de maneira crítica o mundo que o cerca, conhecendo o poder que a imagem cinematográfica exerce sobre todos, e principalmente em crianças que devem ser estimuladas a pensar e refletir sobre a nossa sociedade e não apenas reproduzir um modelo já estabelecido.

4.6. O cinema e o processo de construção do conhecimento infantil.

No intuito de entender como se dá o processo de construção do conhecimento dos alunos após o contato com o cinema, foi realizado atividades com os alunos do 2º, 3º, 4º e 5º ano (com faixa etária entre 7 e 10 anos) para compreendermos melhor esta questão. Foram escolhidos três atividades que iremos analisar , que se encontram nos anexos dessa monografia.

Na sala do 2º ano, após uma rodinha de conversa sobre o cinema, foi pedido para que os alunos fizessem uma ilustração do que eles acharam mais interessante. Dentre muitos desenhos, um especialmente me chamou atenção, o aluno que

anteriormente havia dito que os smurfs haviam ido parar em São Paulo, suscitando o diálogo entre ele e outro colega de sala, ilustrou justamente o momento em que os smurfs pegam carona em cima do táxi, e deslumbrados olham para uma rua famosa dos Estados Unidos.

O aluno cujo nome fictício deste trabalho é Cacto (7 anos)*, mostra que durante a experiência cinematográfica ele passou pelo processo que Piaget denomina por Assimilação, Acomodação e Equilibração, que fazem parte do desenvolvimento humano de todos os indivíduos.

Sobre o conceito de assimilação, entende-se que na relação dialética entre o sujeito e o objeto, interpretamos e assimilamos algumas informações e retemos em nossa mente, pois existe uma organização de estruturas já existentes. Sobre isso, Pádua diz que “em outras palavras, assimilação significa interpretação, ou seja, ver o mundo não é simplesmente olhar o mundo, mas é interpretá-lo, assimilá-lo, tornar seu alguns elementos do mundo” (2009, p. 24)

assimilar um objeto a um esquema torna (...) a conferir a esse objeto uma ou mais significações e é essa atribuição de significações que comporta, então, um sistema mais ou menos complexo de inferências, mesmo quando ela tem um lugar por constatação. Em resumo, poder-se-ia dizer então que assimilação é uma associação acompanhada de inferência. (PIAGET apud PÁDUA, 2009, p. 25)

Segundo Pádua (2009, p. 25) a organização mental de cada indivíduo pode ser modificada para atender e adequar as especificidades do objeto, ou seja, “ as estruturas mentais se amoldam a situações mutantes e a esse processo, que Piaget designou acomodação”. Que acrescenta:

Unidos os processos indissociáveis e antagônicos de assimilação e acomodação, pode-se concluir que conhecer um objeto é assimilá-lo, mas como este objeto oferece certas resistências ao conhecimento é necessário que a organização mental se modifique. Como as estruturas mentais são flexíveis e capazes de se transformar elas são utilizadas em variadas situações e de maneiras diferentes.(PÁDUA, 2009, p. 25)

No entanto o objeto está sempre em transformação, e novas informações vão sendo nos imposta, porém muitas vezes apresentamos certa relutância a tudo que é

* Para preservar as identidades das crianças, optamos por usar um nome fictício para cada uma.

novo para nós, e é neste momento que buscamos estabilização mental. De acordo com Pádua:

O sujeito, ao entrar em contato com um objeto desconhecido, pode entrar em conflito com esse objeto, ou seja, no processo de assimilação, o que é novo, às vezes, oferece certas resistências ao conhecimento e para conhecer esse objeto o sujeito precisa modificar suas estruturas mentais e acomodá-las. E é esse processo de busca de equilíbrio dessas modificações que Piaget denominou equilíbrio. (2009, p. 25)

Provavelmente no momento em que Cacto* (7 anos) afirma que os smurfs haviam ido parar em São Paulo, ele demonstra que havia assimilado que esta é uma cidade grande, com prédios gigantescos, carros, muitas pessoas pelas ruas, ou seja, tudo o que o filme mostrou.

Porém, no instante que seu colega o interrompe, e diz que o lugar que os smurfs estavam era os Estados Unidos, Cacto (7 anos) passou por um desequilíbrio mental, que logo foi cessado pelo próprio filme que em seu enredo relatou que realmente os smurfs estavam nos Estados Unidos, mais precisamente na cidade de Nova York, o que fez com que ele acomodasse a informação. Como podemos analisar em sua ilustração.

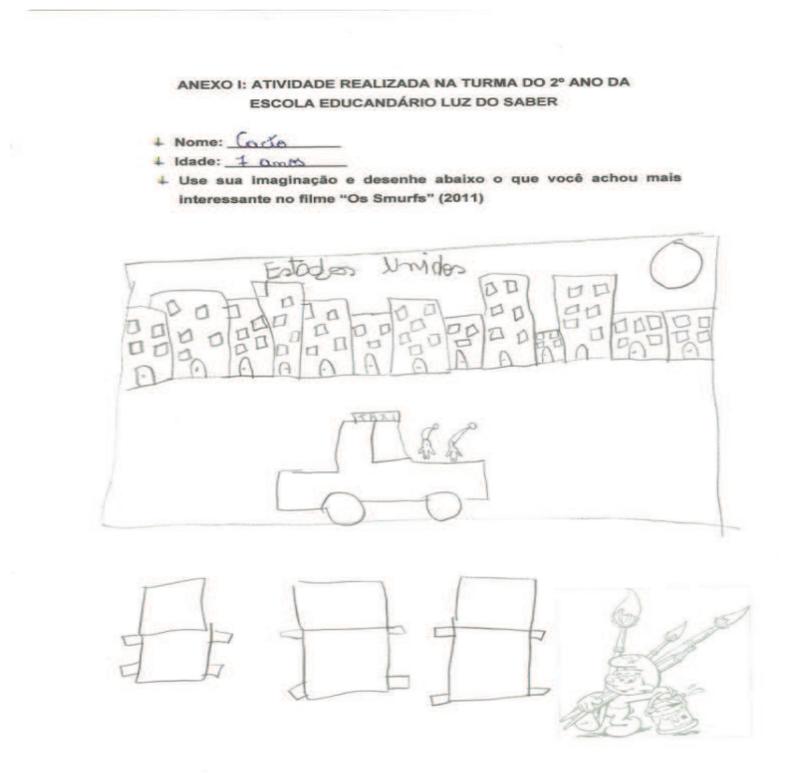


FIGURA X: Ilustração feita pelo aluno do 2º ano

A atividade realizada com as turmas do 3º e 4º ano, foi diferente da anterior, pois além de ilustrarem os alunos também escreveram sobre o que eles tinham achado do filme. Dentre as atividades, me chamou atenção a da Flor-de-lis (8 anos).

ATIVIDADE REALIZADA NA TURMA DO 3º e 4º ANO DA
ESCOLA EDUCANDÁRIO LUZ DO SABER

Nome: Flor-de-lis
Idade: 8 anos

Que tal você elaborar um texto, relatando o que mais gostou na sua ida ao cinema? Depois faça uma linda ilustração.

Eu gostei de copiar na unidade
violenta e do filme. Eu nunca
tinha ido ao cinema por que
minha mãe não me levou. Eu
gostei da tita quando que ta-
ha na parada e do momento por
que ela é bem galeguinha e gosta
de assistir, eu gostei também do
boto que ela estava no lado de
burguês e galeguinha piga.

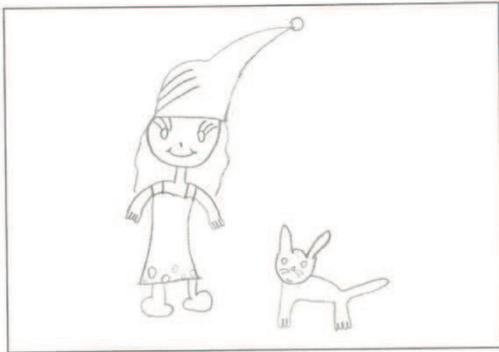


FIGURA XI: Atividade realizada pela aluna no 3º ano

O texto de Flor-de-lis (8 anos) demonstra que o espaço físico do shopping foi tão importante para ela quanto o filme, pois tudo o que ali estava sendo vivido se mostrou novo, pois nunca havia estado antes naquele local. Ela também relata que teve uma maior identificação física e de personalidade com a Smurfette, pois ambas além de serem “galeguinhas” também gostam de vestidos.

A identificação também aparece latente nas atividades realizadas com os alunos do 5º ano. Porém, devido a péssima visualização do texto da aluna Íris Azul (10 anos), transcreveremos logo abaixo para melhor análise.

ATIVIDADE REALIZADA NA TURMA DO 5º ANO DA
ESCOLA EDUCANDÁRIO LUZ DO SABER

Nome: Luiz Edu
Idade: 10 anos

Que tal você elaborar um texto, relatando o que mais gostou na sua ida ao cinema? Depois faça uma linda ilustração.

Eu gostei muito de ter ido ao cinema com meus amigos porque foi muito divertido e legal. No filme eu gostei mais da Smurfete e do Papai Smurf porque ele cuida da vila que eles moram e também preservar a natureza. Também teve a hora que o desastrado salva todos os smurfs, e os smurfs nem queria que ele saísse de casa para não atrapalhar ninguém.

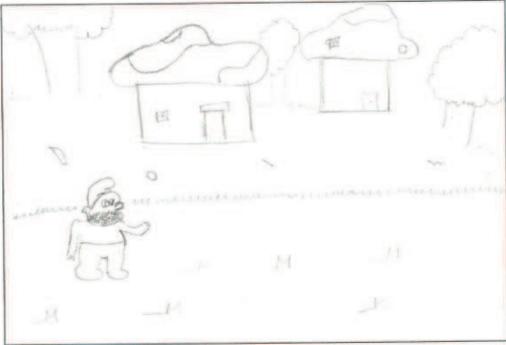


FIGURA XII: Atividade feita pela aluna do 5º ano

“Eu gostei muito de ter ido ao cinema com meus amigos, porque foi muito divertido e legal. No filme eu gostei mais da Smurfete e do Papai Smurf porque ele cuida da vila que eles moram e também preservar a natureza. Também teve a hora que o desastrado salva todos os smurfs, e os smurfs nem queria que ele saísse de casa para não atrapalhar ninguém.”

Diário de campo, setembro, 2011

Além da identificação de gênero (no caso pela Smurfette), a aluna identificou-se com a consciência ambiental do Papai Smurf em preservar a natureza e todos os seus habitantes. O que mostra que o filme infantil tem o poder de ensinar valores, atitudes e ideologias.

No filme, o grande “herói” no final é o smurf Desastrado, que é justamente o smurf que sempre arruma confusão e coloca todos os outros em perigo, o que causou espanto entre as crianças que esperavam que outros smurfs mais corajosos, fortes e inteligentes salvassem à todos. Esse momento, foi tão importante para o desfecho do filme, que a aluna o relatou em seu texto, mostrando que é fundamental o respeito ao outro e sempre acreditar que todos são capazes. Revelando que também ocorreu o processo de assimilação, acomodação e equilíbrio.

Durante o diálogo e as atividades, foi constatado que os alunos tornam-se mais participativos, atuantes, seguros e críticos, pois a partir do momento que as aulas tomam como ponto de partida algo que pra eles seja prazeroso a educação torna-se mais significativa e lúdica. Até mesmo as crianças mais tímidas se posicionaram durante os nossos diálogos, compartilhando experiências de vida, construindo conhecimentos juntos a partir dos pontos de vista divergentes.

Por isso as instituições de ensino devem proporcionar sempre o contato com as mais diferentes formas de artes, principalmente o cinema, pois este tem o poder de fazer com que as crianças se deleitem no mundo da imaginação e compreendam o mundo que os cercam de forma crítica e ativa.

4.7. Educação e Cinema: uma análise entre prática educativa e cultura cinematográfica

Como podemos notar, o cinema tem um grande poder educativo. Mas será que a escola está sabendo utilizar o cinema em suas práticas em sala de aula? É muito comum vermos professoras usando o cinema para servir apenas para ensinar conteúdos curriculares, ou até mesmo para passar o tempo dos alunos quando não tem outras atividades.

Os filmes infantis não devem ser utilizados apenas para isso, eles servem como ponto de partida para debater sobre situações, atitudes, valores, culturas e assim por diante.

O mundo atual caracteriza-se por uma utilização da visualidade em quantidades inigualáveis na história, criando um universo de exposição múltipla para os seres humanos, o que gera a necessidade de uma educação para saber pertencer e distinguir

sentimentos, sensações, idéias e qualidades. Por isso o estudo das visualidades pode ser integrado nos projetos educacionais. Tal aprendizagem pode favorecer compreensões mais amplas para que o aluno desenvolva sua sensibilidade, afetividade e seus conceitos e se posicione criticamente. (BRASIL, 2001, p.61)

Diante disto, é fundamental que o cinema , enquanto arte, entretenimento e produto cultural, também sirva como conhecimento, pois “na proposta geral dos Parâmetros Curriculares Nacionais, Arte tem uma função tão importante quanto a dos outros conhecimentos no processo de ensino aprendizagem”, (BRASIL, 2001, p. 19).

As cinematecas são um excelente método de aproximar cinema e educação, mesmo que não se tenha recursos tecnológicos de ultima geração é possível sim montar um cineminha na escola. Todavia, conhecer técnicas, roteiristas importantes, diretores, atores, filmar pequenos vídeos utilizando as técnicas cinematográficas e etc. também podem se tornar uma maneira atrante de se aprofundar no mundo cinematográfico. Sobre isso os PCNs revelam que é também importante haver: “experimentação, utilização e pesquisa de materiais e técnicas artísticas ... (máquinas fotográficas, vídeos, aparelhos de computação e de reprografia).” (BRASIL, 2001, p.63) .

Portanto, fica claro que no contexto social e tecnológico que vivemos, já não cabe a escola apenas ensinar conteúdos curriculares programáticos, devemos perceber o cinema como uma forma única de encher, compreender, interpretar e transformar a sociedade, só assim conseguiremos modificar a dura realidade de muitas crianças.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Essa pesquisa revelou que o cinema infantil poder ser um formidável aliado para a educação, e conseqüentemente para a construção de conhecimentos dos alunos. Os filmes tem o poder de contar histórias mágicas, através dos movimentos, da tecnologia, do lúdico, e também porque não, da nossa própria imaginação. Por isso, estes tem um papel de suma importância para o desenvolvimento integral das crianças.

Constatamos que o cinema pode ser um excelente lugar para assimilarmos o mundo, acomodarmos o conhecimento e equilibrarmos novas informações. É nesse processo dinâmico entre sujeito-sujeito e sujeito-objeto que as crianças vão construindo novos saberes, conhecendo e transformando a si mesmas e também o meio a qual estão inseridas.

Também pudemos averiguar que quando proporcionado o contato com o cinema infantil, as crianças participam mais de todo processo educativo, já que são por meio do audiovisual estimuladas a posicionar seus pensamentos e idéias do que é certo e errado, pelo diálogo prazeroso entre colegas e professores.

Contudo, podemos perceber que a prática de assistir a filmes infantis, não é privilégio de crianças de classe média ou rica, pois assistir filmes tornou-se uma prática cultural presente na vida de crianças de todos os níveis sociais, pois mesmo que não tenham contato direto com as salas de projeções, elas compram DVDs pirateados e assim mantém o contato mesmo que indiretamente com o cinema.

A relação com o cinema, vai além de comprar apenas os DVDs, pois a grande maioria das crianças que estudam na Escola Educandário Luz do Saber, consomem produtos como mochila, estojos, cadernos, sandálias, relógios e entre outros produtos que trazem personagens de filmes infantis, mostrando o grande apelo comercial das indústrias cinematográficas.

Portanto, as escolas podem otimizar o uso dos filmes infantis nas práticas educativas, disponibilizando uma cinemateca, suscitando diálogos a respeito de problemas sociais e, apresentando diferentes tipos de filmes infantis, roteiristas, diretores, técnicas cinematográficas, produzindo pequenos filmes e fazendo o cinema acontecer verdadeiramente nas situações de educação.

Mesmo tendo consciência de que a realidade escolar brasileira ainda está longe do ideal, precisamos acreditar enquanto profissionais da área que é possível

construir uma educação em que as crianças além de aprenderem os conteúdos programáticos, também possam ter o contato com a arte, com a cultura e com outros tipos de conhecimentos que também se fazem importantes para o desenvolvimento integral da criança. Além de proporcionar uma infância onde a imaginação seja sempre estimulada e valorizada.

Em suma as instituições de ensino devem oferecer o contato com a cultura cinematográfica em todos os seus aspectos, para proporcionar uma educação que expresse a vontade de melhorar a si, as crianças e a sociedade.

6. CONCLUSÃO

Ao refletirmos sobre como se dá a participação dos alunos no processo de construção do conhecimento após o contato com a cultura cinematográfica na Escola Educandário Luz do Saber, Queimadas/PB percebemos a importância que a arte audiovisual tem no desenvolvimento integral da criança.

Por isso fica claro que a escola deve se empenhar para proporcionar ao alunado o contato com o conhecimento das artes, sem limitá-lo à um reducionismo curricular.

Como sabemos a educação brasileira precisa que seus profissionais mudem a prática educativa objetivando criar, re-criar, planejar, re-planejar, descobrir, experimentar, provar, vivenciar e ensinar novas maneiras de fazer a educação. Não devemos buscar receitas prontas, mas podemos nos reinventar, nos adaptar com essa nova realidade tecnológica, assim conseguiremos mudar nossa práxis quantas vezes for necessário, querendo o melhor para nós enquanto profissionais, para os nossos alunos e conseqüentemente para a sociedade.

Todavia é fundamental pensar a possibilidade de inserção do cinema infantil nas práticas curriculares, como objeto de conhecimento; analisar como se dá a participação dos alunos e como acontece o processo de construção do conhecimento dos mesmos após o contato com a cultura cinematográfica; identificar as formas que os alunos tem com os filmes infantis; e analisar alternativas que visem otimizar o uso do cinema nas instituições foi de total importância para compreendermos mais sobre a realidade sócio-tecnológica que estamos inseridos.

Nos deparamos com crianças que mesmo não fazendo parte de um grupo social privilegiado, não se encontram à margem da cultura cinematográfica, pelo contrário, assistem frequentemente à filmes infantis. Mesmo não sendo nas salas de projeções o contato se dá por meio de DVDs ou televisão, consomem produtos com os personagens fílmicos, se identificam, debatem sobre pontos de vistas divergentes, conhecem a cultura e a remodela ao mesmo tempo.

Também foi de fundamental importância perceber que através do contato com os filmes, as crianças assimilam o mundo por um novo olhar, entrando em conflito interno, construindo por elas mesmas uma nova visão de mundo, se adaptando, aprendendo e transformando o mesmo de forma participativa, lúdica e prazerosa.

Por isso deve-se caminhar em busca de desenvolver novas atividades que atendam à expectativa educacional da criança tornando-a mais participativa durante seu processo de desenvolvimento individual e social. Pois podemos perceber com essa pesquisa, que quando é proporcionado às crianças o contato com algo que elas se identificam, gostam, e se divertem o processo de aprendizagem é mais participativo e dinâmico, se empenhando nas atividades, expondo seus pontos de vista, tornando a educação mais expressiva para as mesmas.

Contudo essa pesquisa vem de forma a rever conceitos na proposta de ensino aprendizagem e dessa forma poder contribuir academicamente para que novos estudos relacionados a cinema e educação sejam realizados por outros estudiosos que também sintem a necessidade de desenvolver uma pesquisa visando melhorar a si, enquanto professores e professoras, as crianças que são os indivíduos a quem dedicamos nossos esforços para proporcionar sempre o melhor na área que nos compete e a educação que é o meio mais importante para mudar a realidade social atual.

7. REFERÊNCIAS

BERNARDET, Jen-Claude. O que é cinema. São Paulo: Brasiliense, 1985

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: artes**. 3. ed. – Brasília: A Secretaria, 2001.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Publicidade e consumo: coleção educação para o consumo responsável**. Copyright, 2002. Disponível em: <http://bvirtual.indecopi.gob.pe/colec/publicidade.pdf> Acesso em: 23/10/2011

BRASIL. **Código Penal** Disponível em: http://www.amperj.org.br/store/legislacao/codigos/ cp_DL2848.pdf Acesso em: 26/10/2011

DUARTE, Rosália. **Cinema e educação** – Belo horizonte; Autêntica, 2002.

DUARTE, Rosália et al. Produção de sentido e construção de valores na experiência com o cinema. In: SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação**. São Paulo: Annablume: Usp, 2004. 37-52

FANTIN, Mônica. **O cinema e a imaginação na infância**. Criciúma: UNESC, 2006. Disponível em :<http://www.gedest.unesc.net/seilacs/ciema.pdf> Acesso: 27/10/2011

FANTIN, Monica. **Mídia – educação e cinema na escola**. In: 1º Colóquio de Pesquisa Educação e Mídia: diálogos entre culturas. 2007, Rio de Janeiro. Disponível em : [http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=article&op=view&path\[\]=174](http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=article&op=view&path[]=174) Acesso em: 10 de março de 2011

FAVARETTO, Celso. Prefácio In: SETTON, Maria da Graça Jacintho (org.) **A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação**. São Paulo: Annablume: Usp, 2004

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FRESQUET, Adriana. **Cinema, infância e educação**. UFRJ, GE: Educação e arte/nº1. http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/grupo_estudos/GE01-3495--Int.pdf Acesso em: 23/09/2011

LEMME, Paschoal. **O manifesto dos pioneiros da educação nova e suas repercussões na realidade educacional brasileira** – Rio de Janeiro – RJ, 1997

LOUZADA, Ana Maria. **Educação infantil: teoria e prática/** Ana Maria Louzada. Vitória: CAEPE, 1999.

PÁDUA, Gelson Luiz Deldegan de. **A epistemologia genética de Jean Piaget.** Revista FACEVV. 2009, nº2, p.22-35 Disponível em: <http://www.facevv.edu.br/Revista/02/A%20EPISTEMOLOGIA%20GENETICA.pdf> Acesso em: 13/11/2011

PASCUCI, Maria Verônica. **Arte e imaginação à luz da teoria vygotskyana.** Caderno pedagógico, Lajedo, v.6, nº1, p.53-69, 2009 Disponível em: http://www.univates.br/files/files/univates/editora/arquivos_pdf/caderno_pedagogico/caderno_pedagogico6/Arte_e_imaginacao.pdf Acesso em: 10/11/2011

PIRES, Eloiza Gurgel. **Cinema e educação: o deslocamento poético do olhar na construção do conhecimento,** 15th, 2011. Disponível em <HTTP://www.ufscar.br/rua/site/?tag=escola-nova> Acesso em: 22/07/2011

POSTMAM, N. **O desaparecimento da infância.** Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

ROCHA, Maria Aparecida dos Santos. **A educação pública antes da independência.** PALMA FILHO, J.c (organização). Pedagogia cidadã – cadernos de formação – história da educação – 3,Ed. São Paulo: UNESP – pró reitoria de graduação / Santa Clara editora, 2005 Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/104/3/01d06t02.pdf> Acesso em: 02/09/2011

SETTON, Maria da Graça Jacintho, Org. **A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação.** – São Paulo: Annablume: Usp, 2004.

SOUSA, Bruno Jorge de. **O cinema na escola: aspectos pedagógicos do texto cinematográfico.** Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Goiás. 2005 Disponível em: http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=73 Acesso em: 11 de março de 2011

TRINTA, Rodolfo Rodrigues. **A zona de desenvolvimento proximal em contextos de ensino-aprendizagem de língua estrangeira: definição, diferentes interpretações, perspectiva e estudo.** Revista intercâmbio, volume xx, 150-173, São Paulo: LAEL/PUC. ISSN Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/lael/intercambio/pdf/XX/10%20Rodolfo%20Trinta.pdf> Acesso em: 13/11/2011

VIGOTSKY, L.S. **La imaginación y el arte em La infância.** Madrid, Akal, 2003 Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=saJuKuNfuZcC&printsec=frontcover&dq=la+imaginacion+y+el+arte+en+la+infancia&hl=pt-BR&ei=oeHTsyfGojr0gHborDtDw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CC4Q6AEwAA#v=onepage&q=la%20imaginacion%20y%20el%20arte%20en%20la%20infancia&f=false Acesso em: 07/10/2011

E.T o extraterrestre. Steven Spielberg. Estados Unidos, Universal Pictures, 1982 (115 min).

MEU primeiro amor. Howard Zieff. Estados Unidos, Imagibe Entertainmente, 1991, (102 min)

A fantástica fábrica de chocolate. Mel Sturt. Estados Unidos, David Wolper Productions, 1971(100 min)

OS smurfs. Raja Gosnell. Estados Unidos, Columbia Pictures, 2011 (86 min)

ANEXOS